



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de contratos para mobilidade e drenagem urbana e construção de moradias; de assinatura da ordem de início da duplicação da BR-386 Taboá-Estrela e de lançamento do edital da duplicação da BR-116 Porto Alegre-Pelotas

Porto Alegre-RS, 29 de julho de 2010

Bem, primeiro, companheiros e companheiras de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, dizer da alegria de mais uma vez estar nesta cidade e neste estado.

Queria começar cumprimentando o companheiro Olívio Dutra, ex-prefeito desta cidade, ex-governador deste estado e ex-deputado constituinte comigo em [19]87,

Quero cumprimentar os ministros Orlando Silva, do Esporte; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; Marcio Fortes, das Cidades; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; e o nosso companheiro Alexandre Padilha, das Relações Institucionais,

Quero cumprimentar o companheiro José Fortunati, prefeito de Porto Alegre,

Quero cumprimentar a nossa companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidenta da Caixa Econômica Federal, e cumprimentando ela estou cumprimentando o time masculino e feminino da Caixa Econômica que está aí alerta ao que fala a sua presidenta,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Miguel Rossetto, ex-deputado federal, ex-vice governador deste estado – na hora em que parar o papel, eu pego o microfone na mão –, hoje presidente da Petrobras Biocombustíveis. Nós, ô Miguel, vamos ter que encontrar um nome melhor para a nossa empresa, porque quando nós resolvemos criar a PBio, uma empresa



da Petrobras para cuidar de biocombustíveis, é porque nós entendíamos que a Petrobras poderia dar seriedade ao programa e a Petrobras poderia garantir aos pequenos produtores que serão supridores da matéria-prima da Petrobras um preço mínimo mais justo, muitas vezes, do que o mercado poderia oferecer, e assim a Petrobras elevaria o padrão de ganho dos pequenos proprietários brasileiros. Eu acho que nós vamos precisar encontrar um nome mais pomposo para a nossa empresa de biocombustíveis porque eu sonho com essa empresa como eu sonho com o crescimento do meu neto, meu filho. Eu quero ver essa empresa “bombar” como a Caixa Econômica – que um dia quase quebra – está “bombando” hoje, como o Banco do Brasil, que era deficitário, está “bombando” hoje.

Aqui, embora não seja esse o assunto que eu vim falar, eu tenho demonstrado uma preocupação, para o companheiro Miguel Rossetto, que a gente não pode permitir que a política de biodiesel se subordine apenas à soja, porque como a soja é uma *commodity* importante no mundo, e às vezes, os chineses ou o mercado futuro fazem a soja subir demais, pode chegar um momento em que o preço da soja no mercado externo esteja tão forte que não tenha soja para produzir biodiesel, e aí não compensa, então, você ficar fazendo biodiesel de soja. Então, nós precisamos... o Miguel está trabalhando nisso, a Embrapa está trabalhando nisso, o MDA está trabalhando nisso, para que a gente possa diversificar as oleaginosas que possam produzir o biodiesel, para que a gente tenha na soja um instrumento importante de regulação de preço. No dia em que a soja estiver muito baixa no mercado internacional, que alguém estiver perdendo dinheiro, nós poderemos comprar soja para ajudar a elevar o preço e normalizar o preço. Quando a soja estiver bem alta, lá fora, que ganhem todo o dinheiro que quiserem os plantadores de soja, e nós iremos utilizar outras oleaginosas como o pinhão-mansão, que está sendo bem tratado na Embrapa, e é uma árvore perene que produz, acho que por 30 ou 40 anos; como o dendê, que eu fui agora com o Miguel Rossetto, no Pará - nós vamos



plantar alguns milhões de hectares para recuperar as terras degradadas que já tem no estado do Pará, sem precisar derrubar uma única árvore. Já foi feito, inclusive, um convênio para que a gente possa suprir as necessidades de Portugal, vender para Espanha, é um projeto extraordinário. Além das três plantas que a Petrobras já tem: uma em Quixadá, no Ceará, que eles falam que é de mamona, mas é soja que vai daqui, do Sul, para lá; uma em Montes Claros, em Minas Gerais, e outra em Candeias, na Bahia. E o Miguel sabe que nós precisamos de mais algumas da Petrobras, além das outras privadas, em alguns outros estados, para que a gente mantenha o equilíbrio.

E aí, Miguel, eu acho que nós precisamos procurar um nome, um nome mais... porque esse Pbio, até eu esqueço! Pbio! Tem que ser alguma coisa mais pomposa. Você está lembrado que o Joãozinho Trinta dizia que “quem gosta de miséria é intelectual”. E esse nome é tão pobrezinho, que nós não podemos gostar da finalidade dessa empresa extraordinária que é uma das empresas, uma das empresas de que eu tenho orgulho, porque quando nós começamos no governo, a nossa querida Petrobras não se interessava por álcool, não se interessava por gás, não se interessava por biodiesel, porque a lógica dela era apenas o petróleo. E nós resolvemos dizer para a Petrobras que era preciso que ela entrasse em toda a matriz energética. O Tigre está lembrado que há alguns anos, há três anos, quando a Bolívia começou a criar caso com o Brasil, a gente não tinha alternativa: nós criamos o Plangás e, em três anos, nós já estamos produzindo o suficiente aqui e mais do que o que a gente importa da Bolívia. Significa que quando a gente teima, quando a gente é perseverante, a gente consegue fazer as coisas.

Quero cumprimentar os nossos queridos prefeitos que estão aqui, o Ary Vanazzi, de São Leopoldo; o Cássio Mota, de Canguçu, companheiro que acabou de fazer uso da palavra aqui; o Fábio de Oliveira Branco, de Rio Grande; o Roberto Neli, de Bento Gonçalves, que prometeu vinho para o resto da vida – está que nem o contrato que o Ronaldão fez com a Nike; quero



cumprimentar o Tarcísio Zimmermann, de Novo Hamburgo; por meio dos quais cumprimento todos os prefeitos presentes aqui,

O nosso querido companheiro Hideraldo Caron, diretor da infraestrutura rodoviária do DNIT. Eu ia pedir para ele falar, mas o Paulo Sérgio falou tanto, e falou tantos números, que seria redundância você repetir os números,

Quero cumprimentar os meus companheiros e companheiras do Movimento Nacional de Luta pela Moradia que estão ali atrás, em pé, com as suas bandeiras vermelhas,

Quero cumprimentar mais companheiros. Quero cumprimentar Estrela... Prefeito, Prefeito, feche os olhos e finja que eu estou aí, Prefeito, porque eu não estou de corpo presente, mas estou de alma e coração aí.

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Paulo Sérgio Passos,

Quero cumprimentar o senador Sérgio Zambiasi,

Quero cumprimentar todos os prefeitos que estão aí, o Celso Brönstrup, de Estrela, e José Cenci, da Fazenda Vila Nova, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos que estão aí,

Companheiros e companheiras,

Eu, na verdade, não tenho muito mais o que falar. Mas, também, um microfone na mão, a imprensa ali do lado, público atrás, público do lado, e ainda televisão, eu vou ter que falar umas palavrinhas.

Uma coisa concreta... Ontem, eu participei do aniversário de 150 anos do Ministério da Agricultura e do Ministério dos Transportes, e lembramos muito do Apolônio Sales, que foi ministro da Agricultura do Getúlio Vargas, e lembramos muito do Barão de Mauá que, de caixeiro-viajante, deu um passo tão importante para a industrialização deste país, ele foi tão à frente do governo que a classe política invejosa, daquele tempo, levou ele à falência, criando todas as dificuldades possíveis para que ele se recuperasse depois da Proclamação da República. E falamos muitas outras coisas. E vocês sabem



que quando vai chegando o final do mandato, eu já não posso mais falar do futuro, já não posso mais ficar dizendo: eu, se for eleito, vou fazer tal coisa, vou fazer... já não posso mais. Eu estou em uma fase em que eu já tenho que prestar contas, ou seja, eu tenho menos tempo pela frente do que eu já tive de mandato. Então, o que eu fiz, fiz; o que eu não fiz, não fiz, e vai ficar para outros fazerem. Quem sabe, mais e melhor.

Mas deixa eu dizer uma coisa para vocês. Eu queria provocar aqui, no bom sentido, o companheiro Tigre, que tem acompanhado algumas viagens que tenho feito ao exterior. E posso dizer na frente dos gaúchos, na frente dos meus companheiros, que eu conheço dirigente de federação de empresários desde 1969, e posso te garantir, Tigre, que eu nunca tive nenhum com quem eu tivesse a relação sincera que eu tenho contigo. Não vou dizer que você é o melhor de todos eles porque, como eu não conheci todos, eu poderia estar cometendo injustiça, porque o melhor ainda não apareceu, e pode aparecer. Mas queria te dizer da relação sincera, da relação honesta, em que falamos um para o outro aquilo que é verdade, aquilo que a gente gosta, aquilo que a gente não gosta, aquilo que a gente pode e aquilo que a gente não pode. Eu acho que é isso que falta no Brasil. Possivelmente, por você ser um empresário de verdade. Porque, muitas vezes, as associações que representam muita gente neste país não têm empresários, são prepostos que não têm a força do empresário, não vivem o mundo do empresário. É por isso que desde de 1974 eu não queria negociar com a Fiesp, eu queria negociar individualmente com a Volkswagen, com a Mercedes, com a Ford, porque eu queria conversar diretamente com o patrão, e não com pessoas de terceiro ou quarto escalão que eles colocavam como os seus representantes da direção. Se todas as federações, na agricultura, na empresa e no comércio, tivessem empresários direto, a gente teria muito mais facilidade de fazer evoluir acordos entre empresários e trabalhadores neste país.

Falo isso como quem tem experiência de muito [tempo como] dirigente



sindical e falo isso com a experiência, hoje, de oito mandatos na Presidência da... de oito anos na Presidência da República. Então, esse é um recado que eu queria dar, para poder dizer algumas coisas aqui.

Ontem eu descobri que nós estamos pagando por ano, no Ministério dos Transportes... ou melhor, nós estamos pagando por mês, este ano, aquilo que a gente conseguia investir por ano em 2002. Nos últimos quatro meses, nós pagamos mais de R\$ 1 bilhão por mês. Em 2002, o orçamento do Ministério dos Transportes era de apenas R\$ 1 bilhão, e o orçamento deste ano é um orçamento de apenas R\$ 15 bilhões. Falo sem medo de errar, olhando na cara de vocês como olho na cara da minha mulher dos meus filhos: não há momento, na história deste país, em que o governo pagou as obras contratadas tão em dia como nós pagamos.

Não faço isso criticando os outros governos ou criticando os outros ministros, porque é preciso que a gente tenha uma noção da evolução histórica e do tempo em que cada um de nós fez as coisas que tinha que fazer. Vamos ser francos! A partir do governo Geisel, este país parou de investir em infraestrutura. E por que este país parou de investir em infraestrutura? Porque o governo Geisel, que governava no tempo da crise do petróleo, ele tinha uma quantidade de dólares muito baratos no mercado, antes da crise. O Brasil tomou muitos dólares emprestados para poder fazer muitos investimentos em infraestrutura; o dólar foi tomado emprestado a 3% de juros. Depois, o senhor Paul Volker, presidente do Banco Central americano - do governo Clinton, se não me falha a memória, ou do governo Reagan - para resolver o problema do déficit fiscal americano elevou os juros de 3% para 21%, e a gente, que tinha uma dívida pagável, ficou com uma dívida impagável, e aí tivemos duas gerações perdidas neste país.

Na verdade, foram quase 25 anos que este país não tinha possibilidade de investimento. Se a gente perguntar qual a grande obra de infraestrutura deste país, a gente vai lembrar que a maioria delas é do governo Geisel para



trás. Para frente, os outros presidentes não puderam fazer porque nós vivemos por conta de pagar a dívida que tínhamos contraído. Os mais velhos devem se lembrar que o ministro Roberto Simonsen, ele nem pediu a conta do governo Figueiredo. Como ele dizia para o Geisel que não era importante fazer [pagar] a dívida porque ia endividar o país, quando o Figueiredo assumiu, ele abandonou o governo, foi embora para o Rio de Janeiro e não voltou mais, porque ele sabia que não era possível pagar. Então, nós ficamos nos anos 80 e nos anos 90, praticamente, sem nenhuma capacidade de investimento neste país, a ponto de você pegar cidades extraordinárias, de potencial turístico exuberante, que não tinham um metro de tratamento de esgoto. Coletava-se, e do jeito que se coletava, jogava-se *in natura* nos nossos rios e nos nossos mares.

O país começou a se habituar com o empobrecimento, e com atitude de ousadia, para que a gente pudesse mudar a lógica das coisas que estavam acontecendo no Brasil. Porque não pode, você não pode governar uma cidade, um estado ou uma casa se todas as vezes que uma mulher ou um homem quiser comprar um sapato novo, a gente disser: “Não tem dinheiro, não tem dinheiro, não tem dinheiro, não tem dinheiro”. Se a gente não pensar num jeito de arrumar um dinheiro ou num jeito de fazer uma dívida, a gente vai morrer descalço.

Vocês estão lembrados que, em 2008, na crise econômica mais profunda, eu lia jornais, eu me assustava. Quero dizer para os companheiros que eu me assustava quando eu lia os jornais, jornais americanos – não que eu lia, porque eu não leio nada em inglês, mas recebo muita coisa de informação –, jornais alemães. E o pessoal me dizia... as manchetes eram todas “O mundo acabou. A crise econômica acabou com o mundo. O comércio está fechando. As fábricas não estão produzindo”. E a imprensa brasileira, ela acompanhava passo a passo as críticas que eram feitas, da crise mundial. Vejam que importante: se o presidente Bush, em julho de 2008, tivesse colocado US\$ 60



bilhões ou algo próximo no *Lehman Brothers*, ele não tinha quebrado um ano depois, e a gente não teria tido a crise de crédito que nós tivemos.

A política... é que tem muita gente que inventa... eu não sei quem foi que inventou o curso de cientista político, foi para criar um pouco de caso, porque a política é a arte do óbvio. Não tem nada mais fácil, para você governar, do que você apenas fazer o óbvio, aquilo que tem que ser feito, sem inventar; aquilo que o povo precisa, sem inventar. Deve ser assim na fábrica, deve ser assim no governo, deve ser assim em qualquer lugar. É fazer apenas o óbvio, e todo mundo sabe o que é o óbvio: é fazer estrada, é fazer ponte, é fazer escola, é fazer universidade, é melhorar a vida do povo, é gerar emprego. Isso é o óbvio. É isso que todo político promete na campanha. Vocês já viram um político ir para um palanque falar mal de catador de papel? Falar mal do movimento de moradia? Falar mal dos pobres que andam com um carrinho, aí, na rua? Não. Essa época é época de desancar empresário, é época de bater em banqueiro, é época de falar mal das pessoas de que eles sabem que não podem falar mal, porque são as pessoas que financiam as suas campanhas. Mas é assim a lógica da política nacional, uma cultura, e a gente tem muita dificuldade de fazer a reforma política, muita dificuldade.

Eu, agora, quando não for mais presidente, vou ser um leão para que o meu partido assuma a responsabilidade de, junto com outros, fazer uma reforma política, que a gente possa ter as coisas mais visíveis, porque não é da responsabilidade do presidente da República fazer reforma política, é da responsabilidade dos parlamentares e, portanto, nós temos que priorizar.

Então, eu fico vendo como as coisas estão acontecendo no Brasil, e eu fico imaginando uma coisa absurda que nós fazemos no Brasil, companheiros prefeitos que já foram deputados, Fortunati, que já foi deputado: é que quando nós somos deputados, nós não pensamos que vamos ser governo; e todo mundo que é oposição desconfia de quem está na situação; e todo mundo quer fazer tudo para criar o maior número possível de obstáculos para as coisas não



funcionarem. Hoje eu estou consciente de que nós temos uma poderosa máquina de fiscalização, com jovens ganhando, de entrada, R\$ 15 mil ou R\$ 20 mil, e temos uma máquina de execução com pessoas de 30 anos ganhando R\$ 6 mil. E tudo, tudo que seja levantado já é tido como corrupção e tudo inibe a pessoa que tem que dar a liberação. Por que as pessoas demoram a dar uma liberação do Ibama? Por que as pessoas demoram a dar autorização de qualquer coisa? É porque pela lei, se ela der autorização e o Ministério Público achar que está errado e colocar o nome dela em dúvida, ela terá os seus bens disponibilizados e terá que contratar do seu próprio bolso um advogado, para se defender. Então fica todo mundo com um pé atrás. As pessoas pensam: “Esse Lula, ele só tem quatro anos de mandato. Espera aí, tchê, eu já tenho 20 anos de serviço público, 25. Esse cara vem aqui, e vai querer mudar o que eu estou fazendo? Deixa ele passar; vem outro, e vamos mudando”. Então, eu comparei assim: o governo é o trem, a máquina pública é a estação, (incompreensível) impávida. Entra passageiro, sai passageiro, o trem passa – o governo, não é? – buzina, grita, fala, promete e vai embora, e a estação está lá, impávido colosso. Se nós não assumirmos a responsabilidade de começar a mudar isso para que a gente tenha mais fiscalização, para que a gente tenha mais transparência, mas para que a gente tenha menos tempo para fazer as coisas. Eu vou poder falar mais isso quando eu não for presidente, porque... Nesses dias, eu contei a história do anel – esse túnel que este rapaz mostrou aqui, eu estou cobrando dele há dois anos, que eu quero passar nesse túnel correndo, porque o Fernando Henrique Cardoso, antes de deixar a Presidência, veio entregar uma ordem de serviço lá em Osório, e não foi possível fazer a obra. Quando eu tomei posse, eu vim a Osório entregar outra ordem de serviço. E quem me devolveu a ordem de serviço do Fernando Henrique Cardoso foi o cara que tinha recebido a ordem dele. Eu não posso permitir que quem seja eleito venha pegar a minha ordem de serviço de volta. Eu falei: Hideraldo, eu quero essa obra, bicho! Trabalhe! Bem, eu sei que o túnel está



pronto, falta só iluminar o desgramado. Mas parou seis meses – vocês sabem da história – por causa de uma perereca! Seis meses! Seis meses, que acharam uma perereca que achavam que estava em extinção, para-se a obra e coloca-se o Brasil todo a serviço de uma perereca. Nós sabemos da importância das pererecas, mas não pode parar uma obra tão importante como essa do metrô. Agora eu estou sabendo que o anel viário do Rio de Janeiro também está com o mesmo problema da perereca, e é daquelas pequenininhas, que...

Bem, esse é um problema sério, esse é um problema sério que nós vamos ter que ver como é que a gente encontra um jeito... No Canal do São Francisco... eu vou contar para vocês porque é hilariante. Houve uma explosão para tirar umas pedras, e o general responsável pela obra estava lá com um... com um... como se chama? Que cuida de pedra, que vê...? Antropólogo? Geólogo? Estava com um geólogo, e estava lá, e pega na mão uma pedra e fala: “Nossa, parece uma machadinha indígena”. Seis meses parada a obra, até analisar se era uma machadinha indígena! Quer dizer, não é a moça que tem culpa, não. Somos nós, que fazemos as leis, que temos que fazer lei com mais responsabilidade. Não é apenas pensando na disputa eleitoral, onde vale tudo. É trabalhar com mais responsabilidade o sucesso deste país, e nós aprendemos a fazer isso, nós aprendemos. Este país aprendeu a crescer, este país recuperou a autoestima. Eu estou vendo pela cara de vocês.

Teve um tempo em que eu vinha aqui, o Rio Grande do Sul... Aquela moça bonita – aqui sempre foi um estado muito rico –, de repente chegou a 38 anos de idade, continuava bonita, mas já achava que não estava tão bonita. Então o Rio Grande do Sul andava um estado um pouco amargo, um estado que estava indo para trás, “Nós estamos ficando pobres”... Vocês estão lembrados disso, aqui? “Nós estamos ficando pobres, nós estamos não sei das quantas”. Aqui é engraçado, que até arroteiro que planta arroz do lado do Uruguai, depois faz fila para não deixar o Uruguai importar para cá, porque aí é



ele mesmo que está importando. Aqui tem de tudo.

Mas o dado concreto é que nós tínhamos um compromisso de não deixar este estado regredir, porque se nós queremos fazer o Nordeste avançar, nós não poderíamos deixar quem já tinha avançado ter qualquer regressão. Era preciso avançar. É por isso que nós pegamos todos os gargalos de infraestrutura para resolver, para ver se a gente faz este estado ser o estado extraordinário que sempre foi, um modelo e símbolo do crescimento e do desenvolvimento da parte mais rica do Brasil. Vocês sabem quantos estados nós temos, em que as pessoas cantam o hino com o orgulho com que vocês cantam? No Brasil: vocês e o Acre. Então, um estado como este merece do governo federal carinho, respeito e tratamento adequado.

Bem, vocês estão lembrados, vocês estão lembrados que o Porto do Rio Grande estava às moscas, ou seja, houve um tempo em que você perguntava: “Quem é responsável por aquele porto?” “Ninguém”. Agora está assim. E todo mundo sabe a briga que nós fizemos, em 2002, para poder construir uma indústria naval neste país.

Na década de 70, a gente tinha a segunda maior indústria naval do mundo, só perdíamos do Japão. Aqui no Brasil nós tínhamos 50 mil trabalhadores. Hoje, graças a Deus... Chegamos ao governo, tinha 1.600, e hoje já tem 48 mil trabalhadores na indústria naval. E vocês vão ver, com a inauguração do dique aqui em Porto Grande, em Porto... Rio Grande, quando a gente inaugurar os diques, que comecem a produzir os cascos das plataformas e das sondas, o que vai gerar de empregos naquela região. Daí porque a necessidade da duplicação da rodovia Porto Alegre-Pelotas e, depois, Pelotas-Rio Grande, para que a gente possa ter este estado realmente se desenvolvendo, com muita qualidade.

Queria terminar, companheiros... Não vou falar das escolas, não vou falar da Unipampa, não vou falar da Universidade de Medicina, não vou falar das escolas técnicas. Eu queria dizer para vocês o seguinte: eu estou deixando



o mandato, oito anos. Eu gostaria, se vocês pudessem me ajudar, a imprensa, que tanto gosta de mim, tanto fala bem de mim, pudesse me ajudar, os nossos adversários, a fazer uma pesquisa, desde o governo Figueiredo, para não pegar nenhum... pegar desde o governo Figueiredo. Teve Figueiredo, teve Sarney, teve Collor, teve Itamar e teve Fernando Henrique Cardoso. Eu estou falando de 25 anos. E estudar se todos, juntos, trouxeram a quantidade de dinheiro do Orçamento Geral da União, ou a quantidade de financiamentos que em oito anos nós trouxemos para este estado do Rio Grande do Sul.

Porque, como eu acho que uma nação é construída de história, e quanto mais verdadeira for a história, melhor para todos nós, eu estou exigindo de cada ministro que, quando me entregarem o mandato, no dia 31 de dezembro, cada um vai me entregar o mandato e vai me entregar um relatório, registrado em cartório, de cada centavo que ele gastou em cada metro quadrado deste país, porque eu quero que as universidades tenham, eu quero que a imprensa tenha, que os empresários tenham, que os sindicalistas tenham, porque quando eu cheguei na Presidência da República, nem agenda de ex-presidente a gente achava.

Então, eu acho que o Brasil vive um momento de ouro. Acho que o Brasil não pode jogar fora o que vocês ajudaram este país a construir. Não foi pouca coisa. Nós, muitas vezes, temos o hábito de esquecer. Eu estou aqui neste Gasene, eu lembro o que era isso aqui antes do companheiro Olívio Dutra chegar ao governo, e estou vendo o que é isso aqui. Isso aqui é a demonstração de que é possível a gente viver mais, numa cidade melhor, se a gente for cuidadoso. É como dona-de-casa, governar não é diferente. Quando a gente chega numa casa, que alguém oferece um café para a gente, vai ao fogão, tem um bule cheio de café para requentar, a louça suja em cima da pia, você já fala: “Eu não quero mais o café”. Você não vai saber de onde vem a xícara! Numa cidade é a mesma coisa. Se você chega numa cidade, está cheio de papel na rua, lixo na rua, não tem... a grama não está cortada, os prédios



estão todos sujos, você fala: “Bem, isso aqui está abandonado”. E é tão bom a gente viver em um lugar limpo, numa rua limpa, na casa da gente limpa. É tão bom a gente saber que a escola do filho da gente está limpa. É tão bom a gente saber que a universidade, além de estar limpa, está ensinando bem.

Então eu quero, companheiros do Rio Grande do Sul, dizer para vocês que eu não estou me despedindo, porque eu tenho mais algumas coisas para fazer aqui. Eu vou passar embaixo daquele túnel, nem que eu tiver que me atarracar com aquela perereca lá, mas eu vou abaixar embaixo desse túnel, andando, quero andar. Quantos metros?

_____ : Mil e oitocentos.

Mil e oitocentos. Virei de tênis, para andar. Quando terminar, eu posso cair ali, de infarto, de cansaço, mas não tem problema. E peça para a perereca sair de perto, porque eu vou vir meio nervoso.

Eu quero, ainda, visitar o Porto de Rio Grande e, certamente, em algum momento, eu estarei por este estado. Eu posso, um dia, contar para vocês, antes de 3 de outubro, que eu vou fazer campanha... Porque tem gente que quer me tirar de campanha, tem gente que quer que eu não participe, mas eu acho que eu tenho obrigação de participar. Vou escolher quem vai ser o meu candidato, a minha candidata, e aí eu direi para vocês, um dia.

Um abraço... Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)